ANO 1.º LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 1921 N.º 154

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Dibo̲a

AO que parece será nomeado, com caracter de interinidade, governador de Cabo Verde, o major sr. Bento Roma, actual governador do distrito de Cabongo.

Essa nomeação, para tornar-se efectiva, deve ser sancionada pelo Senado. A intenção do governo nomeando o sr. Bento Roma interinamente deve ter sido, segundo crêmos, baseada no criterio de que o arquipelago de Cabo Verde não podia por mais tempo, dada a terrivel crise que atravessa, continuar sem governador. Além desta razão, que muito pesa, uma outra mais forte talvez deve ter influido no espirito do sr. ministro das colonias. A qual vem ser a «bicha» dos pretendentes que dia a dia ia engrossando e que, dentro em pouco, seria muito mais numerosa do que a legião dos proprios famintos de Cabo Verde.

***

JÁ chegou a Paris o sr. Adrião de Seixas, que vai tentar saber, no mar revolto da finança, o que vale o nome de Portugal. Claro está, a sua partida coincidiu com uma ameaça de revolução. As noticias desta anunciaram-se em Paris, primeiro ainda que o enviado do nosso governo, o qual, logo depois de desembarcar, deve ter encontrado, nos seus primeiros passos, algumas cascas de laranja.

Como homem prudente, não se vai deixar cair. Crêmos mesmo que nem sequer escorregará. E sempre de pé, com a confiança plena de quem o enviou, o sr. Adrião de Seixas talvez consiga o que ninguem conseguiria—excepto se se deixar embair por qualquer sereia que por lá ande á sua espera.

* * *

QUANDO ontem o sr. presidente do ministerio, no Alto de S. João, falava junto das sepulturas de Miguel Bombarda e Candido Reis, houve quem o interrompesse com gritos de «abaixo os jesuitas» e «viva a Republica». Esta scena, em tal ocasião e local, é das que deviam convencer os mortos que a Republica, além de feita e refeita por varias revoluções e motins, continúa a ser uma aspiração de além da campa.

***

QUANDO as revoluções andam na forja, organiza-se sempre um ministerio salvador. Os homens que o formam ignoram geralmente o que se passa. Ainda assim ha já quem, por causa destas dansas, adquiriu evidencia bastante para ser ministro... de verdade, se bem que com pouco proveito para o país.

* * *

O *DIARIO do Governo* publica hoje os estatutos da Associação Protectora das Florinhas da Rua.

* * *

DO *Seculo:*

«Tivemos sempre a impressão de que a opinião publica não só se alheava dos annnciados movimentos revolucionarios, como atê lhes era profundamente hostil.»

Devemos dizer que a opinião publica em Portugal confunde-se bastante com os leitores do *Seculo*. Se este diz que a revolução já não desperta simpatias é porque realmente assim é. Cada qual conhece as vozes da sua propria casa.

Da opinião publica em Portugal

Um amigo nosso diz que a opinião publica em Portugal é simplesmente o boato, a inveja, a calunia. E, para justificar o que afirma, raciocina assim:

—Nós não sômos uma democracia, visto que esta exige a colaboração esclarecida de todos os cidadãos na vida do Estado; os cidadãos conscientes são tão poucos que, a cada passo, se dá o caso de não se descobrir um, cujas virtudes sejam indiscutiveis; como remedio a esta situação anomala aparecem muitos sujeitos que macaqueiam actos e gestos que só competem a homens autenticos; o povinho, não tendo os verdadeiros guias e os verdadeiros educadores, desvaira, pondo-se á disposição de todos os que lisongeiam as suas paixões; daqui deriva naturalmente que o que nós chamamos opinião publica não é outra coisa senão a cubiça de qualquer troca-tintas ou maltrapilho, articulada pela multidão obcecada ou ignorante.

E' possivel que haja um exagero nesta maneira de pensar, mas ha tambem um grande fundo de verdade. A antiga voz do povo, *vox populi*, era o vaticinio, a clarividencia dos simples que julgavam os homens e os acontecimentos por instinto. Na idade média em que só a catedral, na sombria dôr das choupanas, representava uma alta promessa de redenção, não havia outra maneira de traduzir a esperança ou a inquietação das almas.

Deus falava pela boca dos humildes e estes, sem o saberem, desempenhavam o mesmo papel que os antigos profetas de Israel.

Actualmente, porém, as turbas, sem a fé imaculada dos velhos tempos, não podem receber a inspiração de tão alto. O misterio não exerce sobre elas qualquer fascinação. O santuario parece estranho ás inquietações das sociedades modernas.

A revolução que, por toda a parte, tem andado a demolir as memorias do passado, lançou á terra as sementes do porvir. Estas germinando, crescendo, florescendo e frutificando deram a chamada liberdade do individuo. Parecia o inicio de uma era nova.

A historia deixaria de ser a obra de uma minoria privilegiada para ser o resultado da colaboração das actividades livres. Infelizmente, as verdades proclamadas ainda não são verdades realizadas.

As constituições proclamaram o individuo orgão perfeito da sua soberania e da do Estado. Debalde o fizeram. A liberdade sómente cresceu em favor do mal, porque a razão a não acompanhou. Contra o que era de esperar, aumentou o numero dos escravos. Estes, de vez em quando, congregam-se, amotinam-se e revolucionam-se, tornando-se senhores da cidade. A democracia, em tão lastimaveis condições, traduz sómente o movimento das forças fatais.

Em Portugal, por exemplo, sente-se continuamente que nós, á medida que nos julgamos mais senhores dos nossos destinos, perdemos até o sentimento da nossa decadencia.

DO POUPAR É QUE ESTÁ O GANHO

(Desenho de «Rodella»)

— Economias, economias! — grita o governo.
— E tem razão! Se todos fizerem como eu que comprei esta «vitoria» para poupar calçado...

AFIRMAM-NOS que foi hoje nomeada uma comissão que, de acordo com elementos do Grande Oriente Lusitano, tenciona elaborar um programa de governo. Esse programa será apresentado numa sessão publica e, no caso de obter aprovação, presente ao ilustre chefe do Estado, juntamente com o pedido de constituição ministerio de salvação publica. Ao arbitrio de um do magistrado supremo do país ficará a escolha dos ministros desse gabinete, manifestando a comissão o desejo de que eles sejam recrutados em todos os partidos.

* * *

AO sr. ministro do Trabalho, logo que regresse de Coimbra, será presente certo assunto de que deve resultar uma sindicancia a um funcionário do seu ministerio.

* * *

DIZ-SE que serão ámanhã postos em liberdade todos os presos por motivo do ultimo movimento.

* * *

ONTEM, no Seixal, realizou-se na séde do Municipio, uma sessão de homenagem ao falecido presidente, Fernando de Sousa, assassinado há tempo pelo tenente Viegas Lata. Discursaram várias entidades daquela vila, tendo sido colocada uma lápide comemorativa numa das ruas, á qual foi dado o nome do morto.

* * *

PARA realizar as várias reformas que estão sendo elaboradas por iniciativa do sr. ministro da Justiça, e ás quaes já aludimos, conta o titular daquela pasta com a colaboração do sr. dr. Abel de Andrade, que no antigo regime exerceu cargos de destaque.

* * *

NA edição matutina de ontem, «O Seculo», preocupado presentemente com o problema do custo da vida, apresentava em gravura ao olhar libidinoso da sua freguezia masculina um par de pernas dignas de apreço, calçadas com meias de seda—de baixo preço réclamo.

E resava assim o primeiro periodo de prosa, que fazia cócegas ao sugestivo desenho:

«Hoje ocupar-nos-hemos de um artigo, cujo uso divulgado entre as senhoras lhe deu foros de necessidade.»

E mais adiante, prevendo o «protesto dos puritanos» e preparando o elogio do estabelecimento que vende, naturalmente por magnanimidade, meias de seda a seis escudos, lançava este repto audacioso:

«Mas nós preguntamos, aos que assim falarem, interrogamo-los, para que, em boa consciencia, nos digam se negaram a suas esposas um par de meias de seda...»

A'parte o «uso divulgado» das meias que não é tão moderno como isso e as faltas de gramatica, por infelicidade do «Seculo» divulgadissimas, os dois nacos de prosa transcritos sugerem esta proporção inofensiva:

As meias de seda estão para as pernas como «O Seculo» para a carestia da vida. E' tudo uma questão de cubiça...

MAGAZINE

Imperialismo

Muita gente deve estar convencida de que se procurar em qualquer dicionário a palavra *imperialismo*, a encontrará logo. Ficará surpreendida de a não vêr, e procurá-la-há n'outro dicionário. Mas é esta uma palavra que não existe em nenhum dicionário do mundo, nem sequer no de Littré.

Na Academia Franceza vae preguntar-se, dentro de pouco tempo, se *imperialismo* deve ter direito a ser reconhecida como palavra e se por consequencia póde ingressar no dicionário.

Crêmos que a Academia não terá duvidas em a admitir... Bastantes provas tem dado de existencia, desde Guilherme II, que é hoje o bode expiatório do imperialismo, até á liberal Inglaterra, até pela história fóra... e até senhores, pois não é verdade? ás intenções de tantos politicos e revolucionários de vistas curtas que pensam poder alcançar o dominio universal...

Ao Polo Sul

Os predecessores de «sir» Edward Shackleton foram francezes que partiram para aquelas terras desconhecidas á procura de territórios para o rei, em 1739, e depois em 1772, a primeira expedição comandada por Carlos Lozier, a segunda por Kerguélan e Marion.

Iam embarcados em navios, semelhantes ás caravelas portuguezas, barcos frageis, incapazes de resistir á pressão do mar que gelava em volta até o esmigalhar.

Nós seguimos os expedicionários de hoje com a mente aventureira que herdámos de nossos maiores: mas quanto mais aventureiras e heróicas não eram essas aventuras de há dois seculos, caminhando para o desconhecido absoluto, que quási punha os francezes a par do heróico punhado de portuguezes que descobriu o mundo, conquistando-o aos demónios, ás trevas e ás terras do nunca mais, que se estendiam para lá do Bojador.

Nesses tempos ainda não havia telefonia sem fios... Lembrar-se-hão desses mestres incomparaveis de heroismo os inglezes de hoje?

Costumes americanos

Os americanos são creaturas cujo espirito prático passa por matar toda a sensação delicada e de poesia. Não é tanto assim. Dois costumes que bem o provam:

Quando morre alguem que tenha dito não desejar flores nem corôas, nem qualquer lembrança ostensiva de amizade, depois de morrer, os amigos do morto, ao irem visitá-lo pela ultima vez, deixam ficar em casa do morto um cheque de determinada importancia, a favor duma casa de caridade.

E' uma lembrança piedosa, mas que ainda se ressente do espirito prático, dirão. E' verdade, mas quanta delicadeza encerra?

E que diremos daquele costume das raparigas que casam, que recebem, como em toda a parte, muitas flores, e que no dia seguinte, as mandam entregar, ainda frescas, num hospital, para que os doentes tambem gozem o seu perfume?

Afinal, nem tudo são máquinas na America...

A administração do «Diario de Lisboa» encontra-se já instalada na rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria do nosso jornal, onde brevemente serão tambem instalados todos os serviços de redacção, logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro que nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

CRONICA FINANCEIRA

AINDA A ANALISE Á LEI DAS CAMBIAIS

Hipoteses e duvidas curiosas — Funcionamento da lei — Trocas de moeda estrangeira — Operações em suspenso — Depositos em moeda estrangeira — Arbitragens e conversões

A falta de espaço com que luta o «Diario de Lisboa», cujas oito paginas são poucas para a sua brilhante colaboração, não nos permitiu cumprir a nossa promessa feita sabado passado de continuarmos a análise da lei sobre o comercio das cambiais na segunda feira da semana que hoje finda.

Cumprimo-lo aqui agora, embora sacrificando outra materia.

***

Nos nossos primeiros comentarios ao decreto sobre cambiais acentuámos o apavorante contrasenso de o Estado se contentar em que se lhe dê um nome a um endereço para legalizar operações de cambiais.

E notamos: desde que isto é assim, parece não se ter em vista designadamente uma proibição, mas uma mera fiscalização. Efectivamente, pelos dias ra fiscalização. Efectivamente, pelos dias de funcionamento que a lei já tem, verifica-se que são raras as operações negadas, se algumas há, cremos que não. Dir-se-ia até que a Inspecção está apostada em não pôr entraves ás operações.

Qual será, então, o espirito da lei?

Evitar saidas de oiro?

Não, porque, nesse caso, cada comunicação da operação á Inspecção teria de ser documentada e sujeita á imprescindivel morosidade que uma *policia* especial demandaria.

A idéa que gerou a lei foi, senão acabar, o que de facto não se afigurará viavel, restringir quanto possivel a especulação.

Mas não querendo a lei proibir as operações sobre cambiais, lucrará o paiz alguma coisa com a lei, se ela ou os seus executores adoptarem o criterio da facilitação?

Evidentemente.

Quanto maior facilidade, maior probabilidade de apanhar os especuladores. Os executores da lei, para bem servirem e interpretarem o espirito que concebeu e redigiu o diploma, não têm mais do que aplicar o principio da maior liberdade dentro da maior responsabilidade.

E, então, o valor numerico das operações não é separadamente o indice que especialmente interessa o representante da lei. Tal qual como um fôro comercial, a correspondencia de uma firma documenta e atesta mais do que uma contabilidade, visto como uma escrita se pode, com mais ou menos habilidade, falsificar e refazer em quinze dias, e a um copiador se não pode alterar uma palavra, o registo dos que transacionam cambiais funciona ali como a cópia fiel da correspondencia de uma firma, que é inalteravel.

A lei sobre cambiais apresenta, portanto, este inedito aspecto na legislação portuguesa: é que atinge os seus fins, sem restrições impertinentes ou prejudiciais, revestindo até uma paradoxal e mais curiosa aparencia de se tornar inutil, desde que tão facil e bonacheirona se mostra.

Afinal, nessa facilidade reside, talvez, a mais certeira pontaria dessa arma que o legislador fabricou para ir á caça do especulador.

***

Aquele proverbio oriental que adverte de que, quando se conclue uma casa é que a deviamos começar, vae como uma luva a toda e qualquer legislação. Só publicada uma lei e ao começar a aplicar-se, é que se nota as suas lacunas, as suas deficiencias e, ás vezes, até as suas antagonicas incongruencias, como os defeitos das casas só se verificam ao serem habitadas.

Não admira, pois, que algumas duvidas se hajam suscitado sobre a aplicação desta lei.

Por exemplo, esta: é ou não permitida a troca de moeda estrangeira por outra moeda estrangeira? Isto é: um cliente apresenta-se numa casa bancaria portador de cem «dollars» e quere trocar os seus «dollars» por libras, ou por francos, ou por pesetas.

Poder-se-há fazer?

Para todos os efeitos é operação cambial.

O banqueiro não tem as libras ou os francos ou as pesetas na gaveta e não mete para o cofre os cem «dollars» do seu cliente. Há de reduzir os cem «dollars» a escudos e converter estes na moeda estrangeira que lhe pedem. Não é uma, mas duas operações sobre cambiais.

Pode fazer-se livremente ou carece de autorização?

A Inspecção responde: pode fazer-se, sem necessidade de autorização.

***

Outra duvida que não deixou de produzir preocupações: os depositantes de moeda estrangeira necessitam ou não de autorização para levantar os seus depositos?

Este levantamento é saida de dinheiro, saida de numerario.

E' verdade que é deles, dos depositantes, mas não deixa, por isso, de ser saida de numerario.

Resposta da Inspecção: pode, sim, senhor.

E pode, porque a lei não quere evitar a saida de oiro, mas evitar a especulação.

Vamos agora ás conversões por diferença de moeda entre as diferentes praças.

São admissiveis?

Não carecem de indicação especial?

E'.

***

Compras em suspenso: uma compra em suspenso, ou seja uma operação fixada por telegrama que ainda não foi aceite e, portanto, ainda não teve confirmação, precisa de autorização prévia?

Ou melhor: deverá ser dada comunicação dessa operação — em suspenso — antes ou depois de confirmada?

A comunicá-la no acto em que se fixa a operação e antes de ser aceite e confirmada, a operação pode não convir ao segundo e ser recusada. Para todos os efeitos, é uma operação que não só não está efectuada, mas que, sobretudo, não se tem a certeza de que venha a efectuar-se.

Para que comunicá-la antes de tempo?

Mas, se é confirmada e, depois de fechada a operação, o governo português, por qualquer circunstancia, se recusa a autorizá-la?

Quem acarreta com o prejuizo?

O banqueiro estrangeiro, não. Ele tem lá a ordem telegrafica do banqueiro português, tem a cópia e registo da sua confirmação, pode e há de exigir que êste lhe pague.

Como sair dêste *in passe*?

Não comunicando, certamente.

E' assim? — pregunta-se á Inspecção.

E esta responde: compreende-se a dificuldade, mas a verdade é que, comunicada a operação depois de fechada, a autorização *pode ser negada*; não dizemos que *seja negada*, mas admitindo apenas a hipotese de que *pode ser negada*.

***

Nestes comentarios formularam-se diversas duvidas. Só uma não obteve uma resposta categorica.

E além desta, que interessa apenas os banqueiros e só imediatamente, afecta o publico, a lei tem oferecido duvidas, mas são duvidas de mapas, etc., e nada de essencial.

A propria lei em si é das que mais amplamente respondem ás duvidas surgidas na pratica.

E do seu objectivo á sua estrutura, é, porventura, das leis desta ultima e abundante decada a mais bem feita que tem sido posta em vigor no nosso paiz.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Elisa de Figueiredo Cabral, D. Maria do Carmo Pinheiro de Azevedo Bourbon e Menezes, D. Isaura Roquette, D. Mara de Lourdes Beiard da Cunha e Menezes e D. Maria de Sommer Alzina.

E os srs.:

Augusto Pereira de Melo e José Francisco Estevam Reynolds.

Casamentos

Está justo o casamento da sr.ª D. Isabel de Noronha de Paiva Couceiro, gentil filha da sr.ª D. Julia de Noronha de Paiva Couceiro e do sr. Henrique de Paiva Couceiro, com o alferes sr. Antonio Carlos Calainho de Morais Sarmento de Azevedo, filho da sr.ª D. Joana Calainho de Morais Sarmento de Azevedo e do sr. Manuel Morais de Azevedo.

—Pelo sr. Antonio Pereira da Silva Guimarães foi pedida em casamento a sr.ª D. Maria Isabel Fernandes Horta, interessante filha do sr. João da Silva Horta, para seu filho Antonio.

Em viagem

Chegou da Granja a sr.ª D. Isabel de Sousa Holstein Brandão de Melo.

—Está em Cascais o sr. Manuel de Sandoval Ximenes Teles.

—Com sua esposa e gentil filha parte brevemente de Sintra para o norte o sr. D. José de Mendoça (Azambuja).

—Com sua esposa regressou de Entre-os-Rios e partiu novamente para o Estoril o sr. João Jacinto de Seabra.

—Parte brevemente para o Douro o sr. Antonio Pinto Basto.

—Regressaram á Aguieira os srs. condes de Agueda.

Em Cascais

No Sporting Club

Inauguraram-se esta tarde os campeonatos de «tennis», nos quais tomaram parte, além dos nossos melhores jogadores, alguns dos mais afamados «tennistas estrangeiros. Os dias marcados para os encontros são mais 5, 7, 8 e 9, sendo estes ultimos dias os destinados ás finais.

Como nos anos anteriores, a «Parada» vai certamente ser o ponto mundano de «rendez-vous».

As corridas de cavalos

A'manhã teremos novas corridas de cavalos na «Marinha» do conde de Moser, esperando, por conseguinte, que a afluencia seja tão numerosa como no primeiro dia. Como noticiámos, haverá comboios especiais e camions, automoveis da estação de Cascais para o recinto das corridas e durante a tarde a «Garrett» servirá um elegante «tea».

Jantar á americana

Encerra-se definitivamente no proximo dia 5 a inscripção para o elegante jantar á americana que um grupo de rapazes da nossa primeira sociedade leva a efeito no «hall» do Estoril-Termas. A inscripção pode fazer-se no escritorio das referidas termas e em Cascais, com o sr. João Bregaro, e em Sintra, com o sr. João Vicente Mayer.

O jantar será servido pela «Garrett», fazendo-se ouvir, durante o mesmo, um esplendido sexteto.

TEATRO AVENIDA
TELEFONE 1091
EXITO ABSOLUTO
DA COMPANHIA
SATANELLA-AMARANTE
NA OPERETA
FLORES DA NOITE
Magnifica montagem!
Optimo desempenho!
Musica lindissima!
ESPECTACULO A'S 9 1|4

SOCIEDADE "ESTORIL"

Caminho de Ferro de Cais do Sodré a Cascais

Aviso ao publico

Nos dias 4 e 6 de Outubro de 1921, por motivo de Corrida de Cavalos em Cascais, tem logar a circulação do comboio 109, que parte ás 14 horas do Cais do Sodré, a que se refere o cartaz horario B. 48 de 4 de Julho de 1921.

Lisboa, 1 de Outubro de 1921.

O Director da Exploração, *M. Belo.*

O SR. TEM PILHAS?
Deite-as fora!
Prefira o ***Transformador C. S. V.*** que dá consumo quasi nulo de corrente, garantindo o perfeito funcionamento de campainhas, trincos, etc.
CASA PALISSY GALVANI
89, Rua Serpa Pinto, 91

APONTAMENTOS PARA UM LIVRO

EM LEMBRANÇA DUM AMOR PERDIDO

por AUGUSTO DA COSTA

...Deante de mim, a curta distancia, caminhava o vulto flebil de Violante—e seus olhos, ávidos de me verem, iam-me procurando por todos os recantos do jardim. —E no entanto, a curta distancia, meus passos seguiam seus passos de cadencia e meus olhos caminhavam preso na ondulação do seu corpo, envolto numa tunica larga de onde os braços lhe irrompiám, frescos como as águas que ali perto caudavam. Ardia dentro de mim, naquela marcha discreta e áquela hora calma, um brazeiro crepitante que me subia aos lábios feito himnário de exaltação. O sangue acordava e girava-me impetuoso nas veias, deante daquela figura magnifica de mulher, erguida na transparencia da atmosfera como um cipreste se levanta direito no azul profundo dum céu latino. E sentia entontecer-me o perfume das rosas que á sua passagem se haviam desfolhado e via erguerem-se os lirios brancos que á sua passagem se haviam curvado, num gesto humilde de louvor submisso...

Naquela contemplação muda, eu ia compreendendo o oculto sentido de viver, escutando o combate de seivas novas que dentro de mim se estava realizando com as seivas adormecidas e quási gastas. Sentia a vida, mais uma vez, estuar-me no sangue: sentia a imortalidade girar dentro de mil vidas que no sangue me giravam, sentia-a pulsar em toda a seiva que os glóbulos vermelhos ocultavam. Queria crear, lançar no Universo um atomo mais de vida e beleza! Todos os meus antepassados tinham instituido no mundo uma longa cadeia humana de que eu era, naquele momento, o ultimo elo. E porque a voz do sangue imperava em mim e a virtude me proclamava na consciencia a nobreza de viver, servindo a Vida e servindo a Deus,—eu veria um dia o ventre de Violante desabrochar num filho e um mundo novo girar na palma das suas mãos de castidade. E seria um filho, para perpetuar o meu nome atravez das edades, para lhe não deixar marcar a nobreza e a lembrança no infinito oceano de outros nomes tambem plenos de nobreza!—Oh! toda plena de graça e formosura: por ti, Violante, eu quero ser grande na terra, para servir a Deus ambiciono que sem pecado do teu sangue sáia uma vida nova e tua alma uma nova alma latina!

Junto da balaustrada de mármore, Violante parou, olhando o mar que em baixo corria. Do mar, soprâda pelo vento fresco da tarde, levantava-se uma neblina salgada, quási imperceptivel, acariciadora para os sentidos. O vestido de Violante, sacudido pela aragem, parecia espiritualizar-se e incorporar-se nessa translucida névoa maritima,—e o seu corpo lembrava assim uma onda feita espuma, ligando o azul profundo do mar ao azul profundo do céu. Vogavam-lhe os cabelos negros, sacudidos pelo vento, e cobriam-lhe os olhos. E só quando as mãos de Violante se ergueram para desanuviar a fronte, só então, numa cilada de amôr, eu me acerquei, só então as minhas mãos seguraram os pulsos delgados, a sua cabeça, duma grega perfeição, repousou no meu hombro e a minha bôca aflorou num beijo o veludo branco que era a pele do seu colo nu. Preso em meus braços, o corpo de Violante era uma anfora plena de sol para me banhar a vida!

Sentámo-nos sobre o mármore do parapeito, deante do oceano florido de scintilações de espuma. Ao longe, corriam velas brancas, infunadas de vento, lembrando azas. Na placidez da hora, só o rumôr das vagas se ouvia, batendo num ritmo incerto sobre as rochas da montanha. E para cima, a serra caminhava envolta nas suas matas religiosas, dum verde profundo, e onde apenas as grutas dos solitários dispersas entre o arvoredo, punham de vez em quando uma nódoa de brancura cristã. Para nós ambos, o mundo confinava-se agora no limite incerto, e distante do mar e na linha sinuosa em que a terra tocava no céu. E no entanto, nunca em nossos corações tantos mundos haviam turbilhonado! Deante um do outro, dedos entrelaçados em dedos, olhos fitando olhos, narinas palpitando no mesmo discreto movimento de promessa,—uma mesma chama nos abrazava e um mesmo sonho nos clareava as almas. Não era pecado contra Deus amar assim! A nossa Casa lá estava em cima, escondida nas selvas, florida de rosas, caiada de branco e alumiada de graça, na humilde placidez dum lar cristão em terra de cristãos... E para coroar Violante como os gregos coroavam os seus deuses, sobre a cabeça radiosa daquela em cujas mãos as pombas se acolhiam, desfolhei uma rosa pálida de Safi!

Tive sêde. E disse-lho, precisamente quando a sua bôca era um sorriso em flor, aberto para qualquer miragem secreta que os seus olhos, dilatados como as suas esperanças, estavam apercebendo á superficie das águas. De tanto contemplar o oceano infinito, a Esperança abrira-lhe no coração as azas para um mais alto vôo. E a Esperança transparecia-lhe nos olhos humidos, que Violante cerrava com volupia para melhor a sentir dentro de si...—Tive sêde. E disse-lho. Era perto a Fonte da Samaritana, onde a água tinha a frescura do mar em noites de humidade,—e para lá fômos, meu braço forte amparando a cintura frágil de Violante, sentindo pojar-lhe a vida nos seios mais tumidos que os de Sulamite. Na Fonte da Samaritana, como sempre que Violante me acompanhava, foi pelo mármore das suas mãos feitas concha marinha que a minha bôca saciou a sêde, entre sorrisos frescos e quentes palavras da sua bôca ardente...

Todas essas palavras esqueci. As palavras, quando não chegavam a ser acção, eram simples poeira—poeira espiritual que se evolava para enriquecer a atmosfera onde viviamos, depois absorvida e transfigurada no segredo dos corações, para de novo se evolar. Apenas os gestos retenho. Retenho os seus gestos hieráticos, guardo na bôca o sabôr dos seus beijos, sinto bater-me no ouvido o seu coração de amorosa, palpitando sob o tecido da sua carne nubil, e sinto a frescura da sua pele roçagando na minha. E não mais esquecerei a hora em que nessa tarde, depois de me ter dado água pela concha das suas mãos, Violante cingiu a mim o seu corpo pleno de seivas tumidas e ardentes, e de olhos cerrados, por muito tempo deixou embalar a vida num berço feito de meus braços.—Era na hora em que o sol morria, afundando-se no mar, por um crepusculo latino em que as almas vestem a côr das sombras que prenunciam a noite, e a terra e o mar sentem o silencio que deve embalar o paraizo...

AUGUSTO DA COSTA

DO LIVRO "TERRA D'AMORES"

de JAYME DE SAMPAYO

A FLOR DA VIDA

Os raios d'um sol quente e fulvo a acariciar
Nosso polido arnez de cavaleiro andante,
Nós vamos procurar esse País distante
Da Mulher, do Prazer, do Sonho e do Luar!

Depois o arnez rasgado, o corpo agonisante,
A gloria de saber, a gloria de mandar,
E' um fumosito de ouro a diluir-se no ar,
Silhueta ideal dum sonho emocionante.

Só nos resta a Saudade. A flôr que desabrocha,
Que dá aroma e côr ao seio duma rocha,
Que faz brotar em nós as lagrimas e o riso.

Do mais tudo passou. E ás vezes acontece
Que um beijo que se rouba, uma flôr que se oferece,
Nos fica a recordar um velho Paraiso!

AO POR-DO-SOL

Eu quedo-me, sôsinho, a contemplar
O teu perfil de linhas delicadas,
Quanto o sol, no Poente, a scintilar,
Vai diluindo as côres maguadas..

Fico-me doido, absorto, e a pensar
Em historias de mouras encantadas:
No país d'Ouro e Sonho, á beira-mar,
Duma Princesa ideal, de mãos nevadas.

E quedo-me sósinho... A alma ardente,
Da languida Princesa do Oriente,
Andará. na tu'alma, a vaguear?

Fico-me doido, absorto. Lá ao longe,
Como envolto n'um habito de monge
Vai o Sol. lirio roxo a desmaiar...

COLEGIO CALIPOLENSE

Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199

Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra ***Instrução Primaria, Curso Comercial*** completo, ***Curso dos Liceus,*** conforme os programas oficiais, e ***Curso de Explicações*** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.

O director e proprietario

FERNANDES AGUDO.

N.º 22 **Folhetim do DIARIO DE LISBOA** **3-9-921**

INTIBAH

OU

As Aventuras D'Ali Bey

POR

KEMAL BEY

A lua, no seu curso, surgiu subitamente no horizonte. Assemelhava-se a uma beldade, cujos cabelos em desordem lançassem uma sombra sobre o seu rosto oval. A sua claridade, derramada pelas planicies, pelas montanhas e pela folhagem das arvores, mostra-se de tanta leveza, que parece que as plantas a recebem como um beijo, absorvendo-lhe a palidez suave que as inunda e que elas oferecem um pouco aos olhos dos homens, em sinal de reconhecimento.

Como uma borboleta nocturna, que se lançou na chama de uma vela, Ali Bey chegou ao desembarcadouro cheio de amor. Percorreu facilmente, graças á claridade da lua, as poucas ruas que devia atravessar e viu pela porta entreaberta de um jardim o perfil de Mehpeyker, que se apoiava a uma arvore com uma graça á qual os seus olhos não estavam habituados. Fremente de amor e emoção, observou a rua por precaução e, achando-a deserta, entrou precipitadamente no jardim.

Mehpeyker, fingindo não o ter visto, fez semblante de desmaiar, caindo-lhe nos braços. Encostando-lhe a cabeça formosa no ombro, ficou perto de dois minutos a fixá-lo, muda de admiração, apertando ligeiramente as suas mãos, como para implorar o seu apoio. Emfim, ela voltou a si e, guiando-o, levou-o, através as aleas traçadas com muito gosto, a um pequeno quiosque.

Se os nossos poetas de imaginação viva e fecunda tivessem visto êsse quiosque, em *nuances* rosa-claro, compará-lo-iam a uma ninfa sentada na praia e as aguas da baía a uma cintura de seda passada em torno do seu corpo. Julgariam ver nas bolhinhas que se formavam ao pé do quiosque outras tantas perolas bordadas em roda desta cintura e a grande janela, no meio desta habitação, seria para eles um peito inundado de luz. A comparação pareceria excessivamente persa, mas não desprovida de encanto. O chorão que se inclinava para o quiosque, como que para o abraçar, assemelhava-se a uma amante curvada sob o peso de uma longa separação, que, achando-se de repente em face do seu amante, busca ocultar a sua figura palida e emagrecida sob os cabelos em desordem. A lua, tão cara aos corações amorosos, parecia alizar, com um pente de diamantes, a cabeleira esparsa desta amante desolada.

O mobiliario do quarto era revestido de tafetá reforçado, branco, bordado de flôres côr de rosa, com as quais se harmonizavam as *nuances* do tapete; sómente neste as flores eram substituidas por ramos duma côr mais carregada. Colgaduras roseas com flôres brancas coloriam as paredes enriquecidas de doirados. O tecto estava ornado de papagaios e ramos de rosas moldados em gesso com um gosto perfeito. Entrando-se pela porta fronteira á janela grande, via-se no canto mais proximo do jardim um grande leito coberto de tule branco, algumas cadeiras entre o leito e o balcão que dava para o Bosforo, um enorme espelho em frente da porta principal, um relogio sobrepujado por duas lampadas e uma magnifica jardineira. Do lado do mar, um camapé e cadeiras e, no angulo, ao pé da porta, um armario com espelho. Duas outras janelas abriam para o jardim. Com excepção da janela principal, que os reflexos do espelho enchiam de fulgores obcecantes, as outras permitiam que, numa simples mirada, se alcançasse o jardim e o mar. Uma mesa pequena, bem abastecida de licores, estava junto do camapé e um ramo de roseira, com as flôres mal desabrochadas ainda, projectava uma sombra encantadora.

Apenas entraram, Mehpeyker correu ao armario. Tirou dele um lindo «robe de chambre», pô-lo na cadeira e convidou Ali Bey a vesti-lo — operação em que ela o ajudou o melhor que poude. Tirou-lhe as botas, deu-lhe um par de chinelas, tendo cada qual um papagaio artisticamente bordado.

—E' obra das minhas mãos, disse ela. Por muito simples que sejam, permita-me que lhas enfie nos pés.

(Continua).

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Faits divers

...uma rua de Lisboa.

Ela, vinte e tres anos, magra, vestidinho preto, olhos vivos, um chapeu gamin, um grande embrulho debaixo do braço. Ele, vinte e seis anos, palido, aspecto doentio e nervoso. Jaquetão escuro, camisa de oxford, chapeu mole.

ELE (detendo-lhe o passo) Não fujas. Preciso de falar comtigo.

ELA—Que me quere você?

ELE—Quero saber se é verdade o que me disseram do teu casamento com o Antonio.

ELA—E' verdade é, sim senhor. E que tem com isso?

ELE—(contendo-se) Tenho que te namorei primeiro e que entendo que me deves dar uma satisfação qualquer...

ELA—Ora essa! Tem graça! Você, quando me deixou, disse-me alguma coisa? Quero passar!

ELE—(agarrando-lhe o braço) Não disparates... Não sais daqui sem me pôr tudo isso em pratos limpos...

ELA—Deixe-me!... (dominando-se) Vá lá, Mais vale que tudo fique dito de uma vez para sempre. Você, ha quatro anos, jurou-me que gostava de mim e que queria casar comigo, Eu respondi-lhe que eramos muito pobres, que não pensasse nisso. Foi assim?

ELE—Foi.

ELA—Depois, mais de dois anos, não foram dois dias, teimou, perseguiu-me, chorou, que eu era a sua vida, a luz dos seus olhos, a unica pessoa capaz de o fazer andar pelo bom caminho. Isto é verdade ou não?

ELE—E' verdade.

ELA—Eu já não podia mais. Já ia atrás do coração. Uma mulher não ouve essas coisas uma vez, mil vezes, sem ficar maluca. Disse-lhe que sim. Acreditei. Acreditei tudo! Mas nem chegou a durar um ano a minha cegueira! (com magua) Emquanto eu trabalhava dia e noite, para juntar algum dinheirinho, para arranjar o meu enxoval, para começar os arranjos da nossa casa, tu andavas lá não sei por onde, em pandegas e estroinices, esquecido de mim e da tua palavra!

ELE—Fui bruto, fui, mas agora...

ELA—Agora o quê?... Tu julgas que eu torno a olhar para ti? A acreditar seja o que fôr que tu digas? Que ideia fazes tu duma mulher com sentimentos? Quando deixaste de me aparecer, escrevi-te, clamei, pedi-te por tudo que te lembrasses das tuas juras. Fizeste algum caso disso? Adoeci, estive à morte. Houve quem t'o fôsse dizer e não te importaste! E talvez te julgues um homem honrado, e entendes que a palavra é só para os negocios e para o jogo...

ELE—Ouve, Leonor, ouve. Eu estou pronto a casar, agora. Despede o Antonio...

ELA—Tu estás doido! E's ainda peior firma do que eu julgava. O que tu queres é desmanchar o meu casamento!...

ELE—Quero porque gosto de ti e por que nenhum outro, em quanto eu fôr vivo, te ha de chamar sua mulher.

ELA—E' o que nós havemos de vêr. Importo-mo tanto contigo e com o que tu dizes como com a lama da rua!

ELE—Toma cautela, Leonor!...

ELA—Com quê? Hei de casar, quando eu quizer, com um homem que me estime e que tem tanto de bom, como tu de maroto...

ELE—(tirando um revolver e desfechando-lhe no peito). Casa agora, anda!

ELA—(caindo) Ah! que me mataste!

MARIA DE CARVALHO

O 5 DE OUTUBRO

Na parada toma parte um contingente de marinha

A'manhã, pela 1 hora e 10 minutos, salvam os navios de guerra com 21 tiros.

Na parada toma parte uma fôrça de marinha, com o maior efectivo disponivel, levando a bandeira, a banda e terno de côrneteiros, que formará na avenida da Republica.

A guarda de honra ao presidente da Republica será constituida pelos aspirantes da armada, que se colocarão junto ao pavilhão onde o mesmo senhor assistirá ao desfile das tropas.

REVELAÇÕES, RECORDAÇÕES E CONFIDENCIAS

UMA ACTRIZ QUE NÃO É COMO O NOSSO PUBLICO A JULGA

Luiza Satanela é entrevistada pelo "Diario de Lisboa" e diz que já não gosta tanto de dançar

Em frente de Satanela, debruçamo-nos sobre os seus olhos negros, e profundos e inquietantes, com scintilações de carbunculo, para que ela não minta como mulher e como actriz.

Amarante ao lado, em tela, a todo o corpo, fumando, capa de borracha sobre uma cadeira; num sofá um Amarante autentico, bom rapaz, ainda com o casaco branco da manhã e fumando tambem.

A sala tem um contorno burguês. Ha uma estridencia de côr num ramlihete artistico e artificial de flores, que está em cima dum piano cuidado e moderno.

Satanelas em retrato, em *gouache*—sempre dois olhos profundos, olhos de perdição a scintilarem numa garotice que perturba.

A *divette* sentada numa butaca; corpo envolto em bata de fundo verde marchetada de flores com guarnições a côr de rosa, oferece o seu sorriso e o seu coração a vós, leitores, unicamente na sua parte artistica. O Amarante recolhe-se. Principiamos:

—Quere contar-nos como começou?

—Pois sim... sim. Sou de Turim, piemontesa; filha de artistas...

A voz ergue-se num vôo musical, os *ii* cantam; o rosto inclina-se e as pupilas da actriz começam a dançar, garrulas, vivas tintamarrescas de noite.

Luiza Satanela

—Vim para Lisboa, tinha sete anos. Em S. Carlos, na opera, fazia pequeninos papeis... Cabriolava.

—E partiu?

—Não, logo. Até aos quinze anos vivi em Lisboa. Depois, lá fui até Buenos Aires... Sabe? foi no «Colón» que representei. Genero *chico, vaudeville.*

—Mas a Satanela esteve no Brasil; pois não esteve?

—Estive.

E com uma grande preocupação:

—Sube muito bem o português; escrevia-o mesmo.

Sorrimos. E os olhos negros de Satanela a faiscarem numa grande decisão:

—No Brasil, aquele sotaque...

—Estragou-lhe o português.

—Tal qual. O Galhardo viu-me e trouxe-me para Lisboa. O José Ricardo, em scena, nos ensaios, a dar-me lições de português... Oh! o que ele dizia!

Satanela engrinaldou os dedos. Começamos a detalhar-lhe a mascara, Os seus cabelos não são rubios, nem louros, nem negros; são dum castanho escuro, muito rebeldes, altos como um diadema. A testa faz uma curva pequenina; depois a sua boca sinuosa *rouge fraisy* nos labios; depois... os olhos, aqueles olhos de gitana a perderem-se num sorriso travesso.

—Fiz uma revista; logo depois opereta Isto era em 1917. Trabalhei com Palmira Bastos; iam-se-me os olhos nela. Tão bem, tão bem, que ela representava! Aprendi muito!

—A sua noite de gloria?

—Mas não sei... Deixe ver...

Os dedos desapertam-se, a sua mão direita perpassa na fronte. Amarante preocupa-se com o seu dog, o «Ratão».

—Ele parte tudo! Luiza, olha o solitario! Fora!... Então?...

—Deixa-o.

O «Ratão», lobo civilisado e travestido num pelo sumptuoso, envólve Satanela num mar de caricias.

Talvez numa festa artistica, ha anos, quando representei a «Casta Suzana». Contrascenei contigo, não é verdade Amarante?

—O Amarante, outro dia, disse-nos que a Satanela não gostava de opereta...

—Não gosto, não Perco-me. O papel quebra-se sempre: «tro-lo-ró, tro-ló» e lá se vai o efeito artistico. E sempre o galan, o tenor, o comico, a «coquette».—E repetiu:—«tro-lo-ró, tro-ló». A comedia, sim; mas não a posso fazer, sabe?

Os seus olhos entristeceram-se como uma noite muito triste, noite em que a chuva estivesse caindo em pequeninas lagrimas. Satanella brincou com o seu relogio e com uma vozita de criança receosa e timida duma maldade recente, desculpou-se:

—O português! Quando estudo os papeis martelo longamente as palavras. A lingua é tão dificil! Nas «premières» digo muitas asneiras...

Protestámos.

—Eu sei, eu sei. Depois acostumo-me. Recordas-te, Amarante? Era na «Eva»; aquela palavra «transmutabilidade» que eu tinha de dizer muito depressa... Não te lembras?

—O seu sotaque dá-lhe mais graça; vive.

—Ele não quere;—e aponta-nos Amarante—ralha comigo em scena.

Ha já mais alegria na sua voz, os olhos da *divette* alargam-se, cabriolam, prendem-nos. E muito negros, sempre muito negros, a faiscarem constantemente.

—Dançar? disse-me. Já não gosto tanto. Tenho escola, sabe? Danço porque sou obrigada, quasi. Aquela vontade de outrora, perdeu-se...

—E os papeis? A *coquette*...

—Tambem já não tem a minha simpatia... Os papeis que eu adoro são aqueles que possuem um bocadinho de emoção, por exemplo, o da *Miss Diabo*...

—E' romantica?

—Não, sentimental! Gosto muito das coisas portuguesas... E querendo com-

(Ver a continuação na 8.ª página)

ASSUNTOS DA CIDADE

Irritar-se há a questão dos electricos?

Há uma intervenção ou pressão diplomatica, ou trata-se de um "truc" para levar ao aumento de tarifas?

Mr. L. Carnegie conversa com o sr. Melo Barreto e há quem diga que...

A questão dos electricos continua. Resolve-se a favor do publico, contra a Camara, contra a Carris, como quere o governo ou como pensa o sr. José dos Santos? Não é esse o assunto das nossas considerações de hoje.

O caso é que corre com insistencia que este assunto, no seu fundo por tudo e em tudo absolutamente nacional, se irritou ultimamente, pretendendo-se juntar agora á complexidade natural da questão e aos caprichos dos homens nela envolvidos, um carácter de gravame diplomático. Assim, afirma-se, e em taes termos e por taes pessoas, que nos vemos obrigados a dar-lhe publicidade, que entre o nosso ministerio dos Estrangeiros e o representante diplomático da Inglaterra, se têm trocado notas ácêrca do assunto, revestindo as ultimas certa aspereza, a que não estão habituados os altos funcionários portuguezes do Palácio das Necessidades. Isto se afirma, acrescentando-se estar a Companhia disposta a abandonar o monopólio com carros e tudo, tendo havido em Lisboa, num hotel próximo do Camões, reuniões de várias pessoas que habitam em Portugal com elementos inglezes chegados de fóra, afectos á Companhia. O que há de verdade em tudo isto? O publico, no seu instinto que não falha, não acredita muito em nada disto, e limita-se a supôr que se trata de mais um *truc*, no sentido de levar a questão para qualquer campo, que não é aquele que favorece os interesses dos municipes.

Por ora desejamos—e é o que o povo da capital quere, suceda o que suceder—que os carros não parem, manifestamente sem prejuizo do seu pessoal e da Companhia, embora alguns caprichos se tenham que quebrar.

Procurando em várias regiões oficiaes, e mormente naquela que estava naturalmente indicada, informações ácêrca do assunto que deixamos tratado, não conseguimos confirmação absoluta para o «diz-se» a que fazemos acima referencia. Podemos apenas, afirmar por nosso lado e peremptoriamente, dada a categoria e posição do alto funcionário com quem conseguimos trocar algumas palavras, que de facto algumas conversas verbaes devem ter havido entre Mr. Lancelot Carnegie, ministro da Gran-Bretanha, e o sr. Melo Barreto, nosso ministro dos Estrangeiros, mas sem nenhum carácter de gravidade, sequer de interesse essencial, não contando ao nosso ilustre informador nada ácêrca de troca de notas sobre o assunto.

De onde se depreende, pois, que o interesse do ilustre ministro inglez não passará de um interesse «trivial», quási curiosidade, ficando assim reduzido á condição de atoarda a desinteligencia diplomática a que se faz por ahi referencia...

A administração do «Diario de Lisboa» encontra-se já instalada na rua Luz Soriano, n.º 48, sêde propria do nosso jornal, onde brevemente serão tambem instalados todos os serviços de redacção, logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

A CIDADE

ILUMINAÇÃO PUBLICA

Haverá gaz? Não haverá? Quando?

De como convem a certos comerciantes que se anuncie para breve o restabelecimento da iluminação a gaz?

Recorda-se uma entrevista do sr. Elio de Melo Rego e um estribilho popular

De quando em quando, aparece nos jornaes a noticia de que haverá gaz em Lisboa, logo que as circunstancias o permitam. E logo os jornalistas acorrem aos escritórios da rua Vitor Cordon, onde o sr. Elio de Melo Rêgo explica, com larga cópia de pormenores, que ainda não há gaz por causa do carvão e que não há carvão por causa do cambio... Mas que brevemente... o mais brevemente possivel, logo que terminem as oscilações cambiaes... Lisboa terá a sua iluminaçãosinha a gaz, tal qual como antes da guerra... só com a diferença do preço...

Entretanto, o rapazio lá vae dando curso ao estribilho:

Paz... catrapaz...
Em Lisboa não há gaz

Há, no entanto, um factor poderoso—que o sr. Elio de Melo Rêgo não cita—que contribue para que de mez a mez se anuncie para breve o restabelecimento da iluminação a gaz. E' o interesse dos comerciantes que têm milhares de contos empatados em material de iluminação. Mal se anuncia que vae haver gaz, muita gente procura fornecer-se a tempo de lustres, candieiros, chaminés e outros objectos necessários para uma completa instalação. A esses comerciantes convém—e quem sabe se eles próprios lançam á *galga*?—que o publico se convença de que a cidade será brevemente iluminada a gaz, a fim de despacharem o mais depressa possivel a sua mercadoria.

«—Não se póde comprar carvão ao fabuloso preço de duas libras e meia (ouro) a tonelada para fornecermos gaz a treze centavos o metro cubico, em harmonia com o acôrdo celebrado entre a Camara Municipal e a Companhia... quando o cambio estava a 30 e a libra a trinta escudos...»—assim falou o sr. Elio de Melo Rêgo, numa entrevista concedida ao *Seculo*.

Entretanto, não se resolve o problema da iluminação e o rapazio continua:

Puz... catrapuz...
Em Lisboa não há luz

Mas brevemente, muito brevemente, vae haver gaz em Lisboa... Pois se muitos comerciantes têm os seus haveres comprometidos em canalizações, em chaminés, em lustres de várias côres e vários feitios, em milhares de contos de artigos que não têm nenhuma extracção... se não vier o gaz...

E continua-se a alimentar a esperança do publico, que tão cedo não terá gaz, para servir os interesses de meia duzia de comerciantes que negociam em candieiros...

Funcionarios açorianos

No "Funchal" seguem para Angra o secretario geral e o professor da escola primaria superior

No «Funchal» seguem no dia 5 para Angra do Heroismo os srs. drs. Francisco Lourenço Valadão Junior, secretario geral do governo civil daquele distrito, acompanhado de sua esposa e filho, e José Francisco de Freitas, medico e professor da escola primaria superior da mesma cidade, tambem acompanhado de sua esposa.

O PROXIMO CONGRESSO DE IMPRENSA DE BRUXELAS

JOSÉ SARMENTO DESPERTA OS JORNALISTAS PORTUGUESES

Portugal deve fazer-se representar---Todos os que nos jornais trabalham devem lutar para isso

O nosso antigo colega do jornalismo militante, brilhante espirito de homem das gazetas em todas as suas modalidades, cronista impressivo da frase lapidar e do conceito critico elegantemente mordaz, que é o sr. José Sarmento, traçou para o «Diario de Lisboa» o artigo que abaixo publicamos e que interessa de uma maneira flagrante o jornalismo português e todos os seus elementos em actividade. A' finalidade objectiva das considerações do nosso distintissimo camarada, de ontem e de sempre, se associa o nosso jornal, fazendo votos para que José Sarmento consiga despertar as energias e a consciencia colectiva de uma classe que precisa — e é desnecessario dizer porquê — agora mais do que nunca, de se afirmar em plena e equilibrada posse das suas vibrantes qualidades de trabalho orientado, com a inteligencia vivissima ajustada a um sentido permanente das oportunidades na sua qualidade incontestavel de representante, por direito, da intelectualidade e das fôrças creadoras nacionais. Em todos os paizes o jornalismo e os jornalistas, apesar das contendas que se levantam com as circunstancias, fazem uma vida comum de defesa, onde o orgulho de cada um marca o grande logar, que corresponde, por assim dizer, ao proprio orgulho da nacionalidade. O Congresso de Jornalistas em Bruxelas deve ter uma representação nacional. Como, de que maneira, com que esfôrço, servido por qual entidade — não o podemos sugerir, e hoje é cêdo, embora ámanhã seja tempo. Se o jornalismo português não fôr a Bruxelas, má conta dá da sua actividade, da sua influencia e até do seu direito de representação e interpretação dos valores sociais do nosso paiz. Eis porque nos parece oportunissimo e digno de menção o artigo daquele nosso prezado e distintissimo colega do melhor jornalismo.

O Congresso da Imprensa reune-se, este ano, em Bruxelas. Quaes são os jornalistas portuguezes que vão representar o nosso paiz junto dos nossos confrades de todo o mundo? Parece-me que é um caso interessante a resolver, sem recorrer, é evidente, ás decrépitas e anacrónicas associações de jornalistas, que nunca deram sinal de si na defeza dos sagrados principios. A minha velha experiencia e as minhas desilusões neste caminho áspero e galeriano da letra redonda, dão-me, creio eu, um certo fôro de liberdade para encarar o assunto e chamar para ele a atenção dos jornaes portuguezes. Lembro-me que, em outros congressos, a maioria, quási a totalidade dos nossos delegados, era gente que nunca trabalhou em jornaes—amadores com pé de meia suficiente para se abalançarem a uma viagem longinqua, fóra de portas, com os seus encargos inherentes,—e não eram eles tão pequenos! Nestas condições, a imprensa portugueza apresentava-se deante do estrangeiro civilizado como uma especie de animal exótico, cuja mandibula se manifestava com exuberancia nos ágapes da praxe, mas com a lingua demasiado presa para se desentranhar um verbo eloquente nas sessões de estudo e discussão das teses.

Esta vergonhosa situação, creada pela complacencia dos jornaes portuguezes e pela sua fraca disposição de puxar pelos cordões á bolsa, não nos deu, para além fronteiras, o lugar, pelo menos decente e discreto, a que tinhamos incontestavel direito pela qualidade de homens de valor que andavam—e alguns ainda andam, felizmente—na dura faina de defender, a golpes de talento, a sua profissão e o sacerdocio a que se entregaram, de coração e alma.

Pois é como lhes digo. Isto foi assim. Mas não póde continuar a ser assim. Portugal, depois da guerra, é um paiz que o estrangeiro já conhece. Démos-lhe uma alta prova e um brilhante testemunho da nossa existencia, correndo á aventura, em defeza do direito e da justiça. Temos, portanto, obrigação de nos fazer representar no Congresso da Imprensa de Bruxelas por uma ala de jornalistas que sejam os legitimos representantes dos jornaes portuguezes: Há, na moderna geração, rapazes de incontestavel valor que ocuparão, estou certo, o seu lugar com brilho ao lado dos melhores nomes da imprensa mundial. Como efectivar essa representação? Só vejo um meio: *reunirem-se todos os jornalistas de verdade e de oficio e escolherem os seus delegados*, custeando as despezas os proprietários dos jornaes.

Pensem nisto os meus camaradas novos. Deitem mãos á obra com afinco e defendam a nossa ida ao Congresso da Imprensa de Bruxelas, como uma medida nacional.

JOSÉ SARMENTO

O leite

O seu preço foi aumentado de 60 para 70 centavos

Alegando exigencias dos seus fornecedores, os proprietarios das leitarias de Lisboa aumentaram no sabado o preço do leite, de 60 para 70 centavos o litro, anunciando desde já um novo e proximo aumento de mais 10 centavos.

MALAS POSTAIS

Pelo "Almanzora"

Pelo «Almanzora» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 9 horas.

Além-mar

O director do porto do Lobito

Foi exonerado de director do porto do Lobito e da fiscalização do Caminho de Ferro de Benguela o engenheiro sr. Raul Viana Costa.

Ordem de Aviz

Foram agraciados com diversos graus da Ordem de Aviz varios oficiais do exercito em serviço nas colonias.

Transferencia de um professor

O sr. Manuel Antunes Preto, professor da escola primaria superior de Tomar, foi transferido, a seu pedido, para a de Castelo Branco, para reger a disciplina de inglês.

OS TEATROS

A inauguração da epoca de inverno

Inaugurou o S. Luís a epoca de inverno no sabado passado com a «reprise» da interessante opereta portuguesa «A Leiteira de Entr'Arroios» já consagrada pelo publico no ano anterior. Os interpretes da peça que, exceptuando Fernando Pereira, são os mesmos, fizeram-se aplaudir com justiça. Fernando Pereira substituiu Armando Saraiva, conseguindo sustentar o confronto a contento da plateia.

Pela leitura dos nossos colegas sabemos que no teatro Avenida se representou no sabado a opereta «Flores da noite». Do sucesso ou insucesso da representação nada podemos escrever porque a empresa daquela casa de espectaculos se esqueceu de mandar marcar ao camaroteiro o bilhete a que o «Diario de Lisboa» se julga com direito.

Ou o camaroteiro se esqueceu da ordem da empreza, o que vem a dar na mesma.

Atraz do reposteiro

Na entrevista que o «Diario de Lisboa» publicou no sabado com o actor Carlos Leal saiu «teatro-unicornio» em vez de «teatronicomio».

Nesta mesma secção, não sabemos por que bulas, a peça de Alfredo Cortez vem crismada com o nome de «O bodo», quando devia ser «O lodo». No entanto, muitos dos nossos colegas da imprensa não repararam na gralha e puzeram-na a cantar nas suas colunas...

—Partiram hoje, ás cinco e meia da tarde, para a capital do norte, os artistas Palmira Bastos, Ester Leão e Samwel Diniz. Os restantes artistas que fazem parte da companhia Palmira Bastos seguem no correio da noite. A companhia estreia-se, como já dissemos, ámanhã no teatro de S. João, do Porto, levando á scena a peça «O coração manda».

Do actor Francisco Judicibus, que tambem parte para o Porto com a companhia recebemos um cartão de despedida, que agradecemos.

—Está-se organizando uma companhia de declamação, que tenciona fazer uma «tournée» durante três anos, percorrendo as nossas ilhas, Brasil, Argentina, Mexico e Estados Unidos.

—A febre dos teatros continúa... Ainda ha dias dissemos ir abrir brevemente, transformado em teatro, um animatografo que ha muito se encontra fechado. Hoje podemos dizer que do Condes, que ha muito funciona como cinema, se pretende tambem voltar a fazer um teatro...

Será assim? As nossas informações dizem-nos tambem que se está organizando já uma companhia de declamação para ir funcionar neste cinema...

—A segunda peça a subir á scena no S. Luiz é a opereta italiana «Marido provisorio», tradução de Mario Duarte e Xavier de Magalhães. Vai entrar em ensaios no mesmo teatro a peça «As pupilas do sr. reitor».

—Tambem teem papeis na revista de Schwalbach «Gato por lebre», prestes a subir á scena no Apolo, as actrizes Tereza Gomes, Elisa Matos, Izaura Campos, Izaura Rocha e Judite de Sousa.

—O 2.º acto da peça de D. João da Camara «D. Afonso VI» é pintado pelo scenografo Eduardo Reis (filho).

—Deve ser representada em qualquer teatro, na proxima época de inverno, uma peça intitulada «Joana, a Doida», original dum conhecido escritor popular.

Reclames

S. CARLOS—Entra hoje em ensaios, no teatro de S. Carlos, a peça «Jerusalem», de George Rivolet, adaptação de Alfredo Cortês á scena portuguesa. O elenco da companhia é o seguinte:

Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, Antonia de Sousa, Constança Navarro, Fernanda de Sousa, Julia Silva, Maria Judice da Costa, Ofelia Brochado, Antonio Pinheiro, Ernesto Rodrigues, Henrique de Albuquerque, José Alves, Octavio Bramão, Raul de Carvalho, Tomé da Veiga e Vital dos Santos.

S. LUÍS—Continua triunfante a sua gloriosa carreira a linda opereta «A Leiteira d'Entre-Arroios».

AVENIDA—A opereta «Flôres da noite» fez ontem encher por completo o teatro.

EDEN—Ontem registaram-se duas formidaveis enchentes, na primeira e na segunda sessão, «Tic-Tac».

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«A leiteira de Entre-Arroios».
GIMNASIO—Fechado.
AVENIDA—A's 21—"Flores da Noite".
APOLO—Fechado.
POLITEAMA—Fechado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—«Box».

SALAO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALAO IDEAL—Animatografo.
CHIADO TERRASSE—Fechado.

PROVINCIAS

Em Alcanena

A' volta do concurso para o logar de chefe de secretario da camara municipal

Alcanena, 30

Como oportunamente noticiámos, foram concorrentes ao logar de chefe da secretaria da Camara Municipal deste concelho: Francisco Pereira dos Santos Junior, professor, de Malhou; Joaquim de Sousa Oliveira, mais conhecido por Joaquim Caixeiro, de Alcanena; José Ferreira Flora e Antonio Augusto Louro, tambem de Alcanena, fazendo a comissão executiva da camara a nomeação do sr. Joaquim Sousa Oliveira.

Esta nomeação, além de ilegal, foi feita por um requintado favoritismo, com flagrante preterição dos direitos dos demais concorrentes. A prova de aptidão em escrituração e contabilidade, apresentada pelo protegido da camara, sr. Oliveira, é a constante de um gracioso documento de um exame feito pelo correio e em dia de Carnaval! Isto é ultra fantastico!! Mas é assim mesmo, e só em Alcanena, com uma camara de incompetentes e de mal intencionados, se pratica e se tolera. O presidente do senado municipal é o notario bacharel sr. Joaquim Albino da Silveira que, como notario, fez valorizar tão irrisorio documento.

....

Os artigos 1.º, 61.º e 64.º do decreto de 14 de setembro de 1900, e o artigo 15.º e n.º 2 do artigo 32.º do decreto n.º 5:625 de 10 de maio de 1919 marcam-lhe o ambito e o limite dos seus desvarios e por isso bom será s. ex.ª não os esquecer.

O presidente da comissão executiva da mesma camara é o feitor da casa Caminha, capataz das obras da nova igreja desta vila e fiel mandatario da reacção ultramontana, cujas aptidões e habilitações para presidir a uma camara, são apenas as de um carvoeiro que, adquirindo a confiança da patrôa, se introduziu no seu escritorio a fazer contas de saco, tal qualmente são feitas as contas da camara, e assim lhe não convém que pessoa habilitada entre na secretaria da camara a examinar e desvendar o cáos em que todo o serviço da secretaria se encontra. O servilismo a que se chegou nos serviços administrativos deste concelho está abaixo da mais imunda imoralidade.

Para se arredar o concorrente professor, de Malhou, esteve a camara propositadamente sem reunir desde o dia 30 de julho a 20 de setembro, periodo em que foi esgotado o prazo do concurso, para não passar-se, como se lhe não passou, o respectivo atestado do seu comportamento. A lei n.º 8817 de agosto de 1913 diz no seu art. 47 que as comissões executivas funcionam permanentemente, e terão, pelo menos, uma sessão por semana, mas em Alcanena não é preciso. Basta o arbitrio dos dois presidentes e tudo aqui obedece á sua ditadura de baixos e ilicitos interesses. Ao concorrente Antonio Augusto Louro foi-lhe passado atestado de *mau comportamento* para poder ficar o campo livre ao protegido Oliveira. Os seus direitos e a sua honra assim calcada vão a seu tempo ser esclarecidos nos tribunais onde os malfeitores dão conta das suas façanhas e das suas proêzas.

O concorrente José Ferreira Flora, protegido unicamente pelos seus documentos legais e por uma representação do povo, assinada por centenas de eleitores desta vila, foi posto de banda e o portador dessa representação o sr. José Ferreira Goncho, abalisado e respeitado comerciante nesta vila, foi provocado e agredido pelo notario bacharel sr. Joaquim Albino da Silveira, que em vez de penitenciar-se da feia acção, tem a ousadia de vir á imprensa a bajular os seus directores apodando-a de vasadouro de bilis, gabando-se da cobarde agressão e a requerer ao sr. ministro da justiça uma portaria de louvor pelo heroico acto de valentia preparado e praticado no meio dos seus serventuarios na presença do proprio cabo da guarda nacional republicana que foram os seus guardas costas. Do protesto publicado pelo feitor da casa Courinha e audacioso presidente da comissão executiva da camara, sr. José Antunes, nem é bom falar, porque tal protesto nada rectifica nem mesmo o seu auctor tem envergadura para o cargo, sendo a sua acção limitada ao *protesto* ou *aprovo* ou *regeito* e a ler na sessão o que o notario lhe mete nas mãos no meio da sua mais crassa ignorancia do que são as leis da Republica. Do nomeado não faremos mais referencia senão que é uma creança, sem cultura e sem aptidões para o espinhoso cargo, preferido apenas por fiel obediente dos patrões e com o seu nome poder cobrir-se a avariada mercadoria da podridrão que vai por dentro da camara.

O resto, do muito que falta por dizer, irá para a semana.

Na Regua

Um crime

Regua, 29

Acaba de ser cometido um crime, que causou profunda consternação em toda a vila.

Manuel Gomes Pereira, o «Carioca», solteiro, estabelecido ha pouco com loja de ferragens, saindo ao encontro do farmaceutico local sr. Eduardo Pereira de Almeida, quando este, cêrca das nove horas da manhã, se dirigia para a sua farmacia, disparou sobre ele uns tiros de revolver, tendo-o atingido dois, um na cabeça e outro num braço.

Imediatamente, e sem que as pessoas presentes, assombradas pelo imprevisto da scena, pudessem intervir, o «Carioca» voltou a arma contra si e, metendo o cano no ouvido, disparou o ultimo tiro.

Conduzidos ambos ao hospital, os medicos verificaram que o sr. Eduardo de Almeida não pode sobreviver aos ferimentos recebidos, porque uma das balas lhe fracturou o craneo e penetrou no cerebro, e que o seu agressor, porque a bala encontrou o rochedo e não penetrou, não se achava em estado grave, pelo que recolheu á cadeia.

O sr. Eduardo de Almeida, membro categorisado do partido liberal, é casado e tem filhos, e gosa de geral e merecida simpatia.

Da parte do «Carioca» houve o proposito firme de suicidar-se e só ao acaso deve o não ter conseguido o seu intento, porque, hoje mesmo, andou a liquidar as as suas dividas e todas suas contas, tendo deixado em casa uma carta em que fazia umas disposições e dava a saber o motivo porque praticou o crime, e que foi o seguinte:

Tendo ha dias batido numa criada do sr. Eduardo de Almeida, com quem namorava, o «Carioca» foi por isso preso e esteve na cadeia vinte e quatro horas. Atribuindo a sua prisão á queixa apresentada pelo sr. Almeida na administração do concelho, resolveu vingar-se então deste senhor pela forma por que o fez. Na cadeia confessa o crime e promete que ha-de suicidar-se por qualquer forma.

Condes da Figueira

Retiraram para a sua casa da Granja os srs. condes da Figueira, que durante alguns dias se conservaram na sua quinta de Travassos.

A energia electrica

A Companhia Hidro-electrica do Varoza, concessionaria da iluminação electrica nesta vila e na visinha cidade de Lamego, está merecendo justissimas censuras pela forma irregularissima como vem sendo fornecida a energica. Dias ha em que a não fornece, outros tarde e a más horas, etc., etc. Se não fôra o despreso absoluto a que a camara votou os interesses dos seus municipes, já a companhia teria sido compelida a cumprir aquilo a que se obrigou.

Em Pedrogam Grande

O edificio para as escolas primarias

Pedrogam Grande, 30

Pela comissão executiva da Camara Municipal, foi mandada anunciar, para o dia 20 do proximo mez de outubro, a arrematação das empreitadas para a construção do edificio destinado ás escolas primarias dos dois sexos, com que foi dotada esta vila. A importancia votada é de 10 mil escudos, e este importante melhoramento é devido aos esforços do nosso presado conterraneo dr. Custodio de Paiva, dignissimo deputado pelo circulo. Sendo esta terra séde de um importante concelho, não tinha edificio proprio para as suas escolas, falta que muito se fazia sentir, porquanto, tanto a escola do sexo masculino como a do sexo feminino, funcionavam em edificios a que faltavam todas as condições exigidas para tal fim. E' mais um importante beneficio que esta terra fica devendo aquele nosso conterraneo, que já bastante tem feito em favor deste concelho.

A administração do «Diario de Lisboa» encontra-se já instalada na rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria do nosso jornal, onde brevemente serão tambem instalados todos os serviços de redacção, logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE
Do Prof. WILSENGOLD
BRUXELLAS
LITHANE
DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
103 Rua Garrett 1.º

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS
CHAMADAS URGENTES
Sucursal de «O SECULO» (Rocio)
Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUBI

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

LISBOA
Hotel Internacional
O melhor tratamento
O menor preço
BANHOS
Almoços e Jantares
O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores.
TELEGRAMAS HONAL
Sociedade Luzitana dos Hoteis, L.da
Gerente: LINO MARTINS COELHO
ROCIO — ESQUINA DA RUA AUGUSTA

Collares Buyacas
VINHOS DE TIPO INALTERAVEL
SUCURSAL EM LISBOA
RUA NOVA DA TRINDADE, 126 A 132
TELEFONE C. 5486
COLLARES — ALMOÇAGEME
PORTUGAL

DINHEIRO
Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores
n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A' PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

Santos Amaral, Limitada
IMPORTADORES-EXPORTADORES
Escritorios:
RUA DE S. JULIÃO, 100
Armazem de vendas
RUA DA PALMA, 225-229
Oficina Eletrotecnica
RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.
Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 952-Escritorio (C. 1580-Armazem
SECÇÃO INDUSTRIAL
CONSERVAS DE PEIXE
Fabricas em:
Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche
Secção de Importação e Exportação
Cereais, Cacáu, Café, Cortiça e Azeite — Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro — Aduela de Castanho italiano
SECÇÃO TECNICA
Maquinas e acessorios para todas as industrias
Tornos revolvers, Serras de fita, Cravadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem, Electricos, Dinamos, etc.
Material electrico, Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas
Instalações de Força Motriz e luz
Descontos aos revendedores
Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos.
Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin».
Aços especiais para ferramentas.
Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos

NO ESTRANGEIRO

A VIAGEM DE CHALIAPINI

CANTANDO PARA OS RUSSOS

O celebre cantor disse aos jornalistas ingleses que veiu á Europa cantar em concertos e angariar socorros para os famintos

LONDRES, 3—Chaliapini disse aos jornalistas que tinha vindo á Inglaterra para cantar em concertos e angariar dinheiro para os famintos russos. Visitará Birmingham, Londres, Liverpool e Shiffield. Cantará em russo selecções das obras de Tschaikowsky, Moussorgski e Rubenstein.—(U. P.)

O governo bolchevista gastou em 1920-21 com subvenções para os teatros vinte e cinco milhões de rublos

RIGA, 3

Durante o exercicio de 1920-1921 o governo bolchevista gastou vinte cinco milhões em subvenções para os teatros, ao passo que unicamente gastou vinte e um mil milhões com a instrução publica. As obras do poeta Marakowsky e do comissario do povo Lunatcharcky absorveram a quasi totalidade daquela subvenção.—(R.)

Uma comunicação do comissario dos abastecimentos

RIGA, 3

O comissario dos abastecimentos do governo dos soviets comunica que foram enviados dez milh?es duzentos e sessenta e nove mil e novecentos pouds de sementes para os distritos afectados pela fome. Apesar de tão boas intenções e por causa da desorganização dos transportes, os envios não chegam completos ao seu destino e os distritos em que reina a fome recebem apenas uma parte insignificante deles. Comunica-se por outro lado que um comboio carregado de viveres expedido pela Lethonia descarrilou e foi completamente saqueado. O descarrilamento foi causado por obra dos salteadores.—(R.)

DE PARIS

Melhora o comercio e a industria

PARIS, 3.—A imprensa francesa constata uma melhoria na industrla e no comercio francês. O progresso nos negocios é lento mas seguro. As oficinas metalurgicas têm recebido grandes encomendas e nos Bancos nota-se um grande aumento de transacções. Constata-se tambem com prazer o aumento de receitas de caminho de ferro, havendo um progresso muito apreciavel no trafego de diferentes linhas, incluindo as da Alsacia e Lorena.—(U. P.)

NO CANADÁ

As eleições gerais

OTAWA, 3

O sr. Meighen primeiro ministro do Canadá anunciou que se farão eleições gerais na primeira semana de Dezembro.—(R.)

ENTRE ALIADOS...

A missão militar francesa e o general Fayolle são objecto de manifestações hostis por parte da população de Veneza

Ainda a questão de Fiume—A aliança anglo-saxonica—A amizade e relações entre os aliados

A imprensa franceza comenta de vária fórma a recepção que em Itália foi feita ao general Fayolle e á missão militar franceza. Em Milão, por exemplo, foi atacado o corpo de marinha que tocava a *Marselheza*, e os tumultos foram de tal ordem que o marechal Fayolle esteve bastante tempo separado do embaixador francez. Mas quer ela se esforce por disfarçar a gravidade das manifestações, quer sem a discutir borde considerações sobre a persistencia das amizades entre povos, um facto evidente salta aos olhos imediatamente: as manifestações hostis que desde Milão até Veneza acompanharam a missão militar franceza tiveram um significado grave que não póde deixar de se reconhecer.

Estas manifestações não devem surpreender ninguem; os próprios francezes não ignoram decerto a impopularidade de que gozam na Itália, devida á consciencia do pouco resultado que esta retirou da guerra—muito agravado pela acção antipática que a França desempenhou no caso de Fiume—em que entrou contra a sua aliada, a Alemanha, e á reacção contrária ao impulso de simpatia de então que agora a agita, reacção habilmente explorada pela propaganda alemã.

Todo aquele que esteve há pouco em Itália, sobretudo no Adriático, ou que teve noticias de pessoas que por lá passaram, não ignora quão profunda é essa antipatia, quási ódio, manifestado todas as vezes que as circunstancias se prestam.

E não se póde dizer que as relações diplomáticas não tenham acompanhado a animosidade do povo italiano; todos têm verificado a mais do que frieza dos diplomatas italianos em relação á França, e mesmo em relação á Inglaterra, ainda que com esta não seja tão visivel. A Itália dá a impressão de que a pouco e pouco quer deixar a França e a Inglaterra discutindo a aliança anglo-saxónica, e abndonar uma aliança onde vae estando só de nome.

Assim como a palavra *aliadas*, já há muito deixou de designar a America, assim já só vagamente vae abrangendo a Itália. Aos conflitos entre a França e a Inglaterra é que se chama «as relações dos aliados», com todo o significado da palavra.

Diz-se que os acontecimentos foram muito aumentados pelos jornaes germanófilos; numa das provas em favor desta asserção é a de o próprio rei ter recebido o general Fayolle. Mas quem havia então de o receber? E se depois de taes acontecimentos, uma reparação stensiva não fôsse dada, que se poderia concluir, senão que os elementos oficiaes e a diplomacia, estavam ostensivamente de acôrdo com taes manifestações? A diplomacia limou as arestas, mas não apagou o significado destas manifestações. E parte da imprensa franceza di-lo claramente: a amizade das palavras não se firma nos campos de batalha. A Inglaterra, que combateu com a França na Crimeia, abandonou-a em 1870; esperar que a aliança de 1914, que reuniu vários povos em tôrno dum mesmo interesse, perdurasse eternamente, ainda quando interesses contrários os agitassem, é uma utopia em volta da qual têm girado todas as negociações dos aliados desde o tratado da paz. Os acontecimentos de Veneza dizem-no claramente: a amizade, as alianças dos povos, só se baseiam em interesses reaes comuns. Não ter esta realidade em conta origina mal entendidos, e acontecimentos dolorosos, como este não podia deixar de ser para os francezes, que aclamaram os soldados italianos e o general Albricci em Reims e Epemey, e que ainda hoje não têm uma palavra de censura, mas de dolorosa surpreza perante as manifestações de francofilia que procuram desculpar.

DE NEW-YORK

Fatty foi posto em liberdade provisoria

mediante uma caução de cinco mil "dollars"

NEW-YORK, 3

Fatty Arbuckle, o popular artista de cinematografo que foi acusado de ter assassinado uma estrela de cinema sua colega, foi posto em liberdade provisoria mediante a caução de cinco mil «dollars». A' saida da prisão foi alvo duma calorosa manifestação de simpatia por parte duma grande multidão.—(U. P.)

O conflito irlandês está prestes a terminar?

NEW YORK, 3

A imprensa americana regosija-se com a reunião da conferencia entre o governo britanico e os delegados sinn feinners. A «Tribune» diz que esta longa luta entre a Irlanda e a Inglaterra parece prestes a terminar.—(R.)

A questão dos desempregados

WASHINGTON, 3

A conferencia que estudou a questão dos desempregados resolveu que fossem imediatamente socorridos pelos estados federais e pelas municipalidades, tendo depois adiado as suas sessões para 10 de outubro.—(R.)

DE LONDRES

A Federação das industrias e as reparações

O assunto será discutido no mês de Novembro

LONDRES, 3

Houve uma reunião preliminar do Comité da Federação das industrias britanicas, que discutiu um memorandum ácêrca das reparações alemãs.

O assunto será discutido mais detalhadamente no proximo mês de novembro.—(U. P.)

A representação inglesa na conferencia de Washington

LONDRES, 3.

Lloyd George deve convocar a reunião do gabinete para quinta-feira, para estudar a representação da Inglaterra na conferencia de Washington. Não está ainda resolvido se o primeiro ministro irá a Washington, mas Lloyd George tem mostrado desejos de assistir á conferencia.—(R.)

Os tribunais irlandeses

O Supremo Tribunal da Irlanda do norte teve a sua primeira reunião. Este acontecimento marca o fim da jurisdição do Supremo Tribunal, que durante seculos manteve quatro tribunaes em Dublin. Todos os assuntos judiciaes serão agora resolvidos em ultima instancia em Belfast.—(R.)

NA FABRICA DE BADISCHE

A CATASTROFE DE OPPAU

Como vão ser indemnizadas as vitimas—O que oferece a cidade de Indwigshafen—2.000 marcos para a familia cujo chefe tiver morrido

O conselho municipal reunido com a presença extraordinaria do ministro de trabalho bavaro, sr. Oswald, e do presidente do governo, resolveu por unanimidade e sem discussão remediar por estes meios á catastrofe de Oppau:

1.º—A cidade de Ludwigshafen oferece um milhão de marcos para reconstruir a fabrica e activar o começo do trabalho;

2.º—Serão levantados 20.000 marcos da caixa economica com o mesmo fim;

3.º—E' oferecido um tumulo de honra ás vitimas da catastrofe.

A Badische Anilin decidiu:

1.º—A direcção toma a seu cargo as despesas dos funerais.

2.º—Toda a familia cujo chefe tiver morrido no desastre, receberá a quantia unica de 2.000 marcos.

3.º—Os feridos, no caso de não poderem continuar a trabalhar na Badische, receberão uma indemnisação sob forma de rendimento destinado a completar até á quantia do salario normal, a soma recebida das companhias de seguros, e receberão, além disso, uma quantia suplementar proporcional ao numero de filhos.

4.º—As viuvas receberão uma renda que se elevará a 50 0|0 do salario do marido.

NA DINAMARCA

A' volta da ida á Russia da comissão de socorros

LONDRES, 3.

O sr. Harald de Scavenius, ministro dos Negócios Estrangeiros da Dinamarca, continua absolutamente resolvido a manter a suspensão da ida a Petrogrado da comissão dinamarqueza de socorros, atendendo a que o governo dos «soviets» permite apenas a entrada na Russia de cinco dinamarquezes, em vez dos quinze que faziam parte da comissão, e só lhes permitiria agir no distrito do Volga. Com taes restrições era impossivel fiscalizar a distribuição dos viveres e não se poderia saber se eles eram realmente dados ás creanças para quem eram destinados.—(U. P.)

A CAMPANHA DE MARROCOS

Os serviços telegraficos e telefonicos

MADRID, 3.

O director geral das comunicações irá em aeroplano a Sevilha, onde se demorará algumas horas, seguindo depois tambem em aeroplano para Larache, onde vae organizar o serviço de comunicações telegráficas e telefónicas, como fez em Melilla. A sua actividade é muito elogiada.—(R.)

Tropas que regressam

SEVILHA, 3.

Chegou, procedente de Gijon, o batalhão do regimento de Aragon, que deve marchar para Marrocos.—(R.)

Professor de Matematica e Fisica

Cursos superiores. Liceu, todas as classes

Informações na direcção dêste jornal

RECORDAÇÕES...

A entrevista com a actriz Luiza Satanela

(*Continuação da 4.ª página*)

pletar o seu pensamento:—uma vez, nos ensaios da opereta *Imperia*, adoeci. Não queria interpretar um papel de cinica; repugnava-me..

—E' supersticiosa?

—Um pouco. Quando entro em scena, benzo-me.

—A actriz que gosta mais?

—Da Palmira Bastos, muito. Dou-me com ela ... Já vi a Rey Colaço, admiro-a; Lucinda Simões, vai sempre ao meu camarim; a Auzenda, tambem... Nunca tive conflitos...

Pedimos uma anedota, um incidente comico, porque ha sempre qualquer coisa de muito triste ou de muito alegre na carreira de todos os artistas. Amarante, então, como Satanela se não recordasse, contou como em Italia, numa cidade qualquer, talvez Firense, se esquecera das liras obrigatorias para a despesa e se vira obrigada a ir para Roma com toda a prestesa... E depois, depois, como no primeiro dia, andaram a pé, jantaram muito mal e tiveram que ir para uma torrinha assistir a uma opereta muito em voga e muito boa. Satanela, a rainha da opereta, sorriu-se; as suas pupilas incendiaram-se numa graça aliciante.

—Agora os meus meninos!

E os meninos entraram. Cinco gatinhos angorás, precedidos da sua respeitavel mãe, que positivamente não era Satanela, mas sim uma respeitavel gata borralheira, de meneios languidos e pêlo côr de cinza.

Despedimo-nos. Já fóra da porta olhámos. Em cima, numa janela, papagaio verde cantarolava «O Ga ga», esplendido de «argot». Era a *mascotte* do Amarante, na vida e no teatro...

A. P.

GIOVANNI MICHAELI

Dores de cabeça na policia, por causa deste indigitado cumplice no assassinio de Dato

Os leitores devem estar lembrados. Há semanas, num paquete minutos antes chegado ao Posto de Desinfecção, a policia internacional prendeu Giovanni Michaeli que, com passaporte grosseiramente falsificado, pretendeu apresentar outra identidade. Descobriu-se, primeiro, que o homem é anarquista, um anarquista furibundo, sempre com maximas kropotkinescas coladas aos labios. Depois, como estivera mezes antes em Espanha, ali mantendo relações com elementos suspeitos, chegou tambem a policia á convicção de que se tratava de um cumplice no assassinio de Dato.

Giovanni Michaeli foi arremessado para um calabouço. O n.º 8, se não estamos em erro, do Governo Civil. Ali, ficou a aguardar o resultado das *démarches* entaboladas com a legação italiana, que o deseja repatriar, para averiguação conveniente das suas responsabilidades. Agora, a conclusão curiosa deste caso: no que respeita á legação, todas as formalidades estão satisfeitas mas, como a Espanha não permite a passagem de Giovanni pelo seu territorio, ele só por mar póde regressar á patria. E, como a policia já oficiou infrutiferamente aos armadores nacionaes e ás agencias das companhias estrangeiras de navegação, para saber quando há barco que se destine a qualquer porto italiano, Giovanni Michaeli continua a apodrecer no calabouço 8, possivelmente á espera que tenha realização um velho desejo de alguns dos nossos comerciantes:—a linha de navegação com a Itália.

Alguem que comnósco conversou sobre o curioso caso, lembrou a conveniencia de dar transporte ao desgraçado no *Vasco da Gama*, agora prestes a partir em viagem de estudo para o Mediterraneo. Porque não se faz isso?

A administração do «Diario de Lisboa» encontra-se já instalada na rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria do nosso jornal, onde brevemente serão tambem instalados todos os serviços de redacção, logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

OS ACONTECIMENTOS

Os presos vão ser postos em liberdade?

O director da P. S. E. vai entregar um relatorio ao chefe do governo—Regista-se um boato a titulo de curiosidade

Ao contrario do que alguns jornais da manhã noticiaram, a P. S. E. não efectuou desde ontem qualquer diligencia ácerca de prisões de individuos que se achavam envolvidos no projectado movimento revolucionario.

Parece estar confirmado que todos aqueles que se acham presos vão ser postos em liberdade, em consequencia de não haver procedimento judicial por motivo de o crime de que são acusados não se ter dado.

No emtanto, o sr. José Pinto Serra, director da P. S. E., auxiliado pelo chefe Murtinheira, está procedendo ás respectivas investigações sobre o caso, devendo elaborar um relatorio que vai ser entregue ao chefe do governo.

No governo civil corria hoje o boato de que o sr. ministro do Interior tinha dado instruções para o director da P. S. E., a fim de não se efectuar mais prisão alguma.

Tambem se dizia com grande insistencia, não sabemos com que fundamento, que o movimento revolucionario não se tinha dado em virtude de um dos elementos do «comité», que tinha em seu poder os respectivos documentos e o programa do governo dos revoltosos, os ter levado a um dos membros do actual governo, recebendo por este serviço a gratificação de 45 contos.

Damos esta informação com todas as reservas, tal qual nos foi comunicada do governo civil.

Todos os individuos presos até á hora a que escrevemos ainda não foram interrogados.

O capitão Camilo de Oliveira diz-nos que não estava sendo sindicado

Na entrevista que o «Diario de Lisboa» realizou com o general sr. Abel Hipolito, que foi transcrita por quase todos os jornais da manhã de ontem, afirma-se que o capitão Camilo de Oliveira, preso em virtude dos ultimos acontecimentos, já estava sendo sindicado. Aquele oficial, procurado por um redactor do «Diario de Lisboa», declarou-lhe que não se tratava de uma sindicancia, mas sim de simples averiguações a que se estava procedendo, por se dizer que êle tinha aliciado um alferes para um pretenso movimento revolucionario.

O COSTUME...

O MAU SERVIÇO DA COMPANHIA DA ELECTRICIDADE

A cidade esteve hoje, durante três horas, privada de energia electrica

O *Diario de Lisboa* deve chegar hoje bem tarde ás mãos dos seus leitores, devido a uma falta de energia electrica, que se prolongou cêrca de três horas. Chega a parecer impossivel que a Companhia do Gaz e Electricidade, que ainda recentemente, em extenso comunicado vindo á publicidade num importante jornal, se intitulava uma das melhores da Europa, em tão mau estado tinha as suas *esplendidas* instalações, que mimoseia de quando em quando com avarias de importancia, o publico consumidor. Os prejuizos que daí adveem dão um somatorio importante, embora apreciados isoladamente pareçam insignificantes.

Quanto a nós, não estamos dispostos a aturar muito tempo esta Companhia de Electricidade que mais parece... uma companhia de circo. Ainda existem tribunais neste país e um processo por perdas e damnos não é de dificil instauração.

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
—Seguros de vida—
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa—Telef. 533 e 1589-C

O 5 DE OUTUBRO

Concertos pela banda de marinheiros

A banda do corpo de marinheiros toca hoje, ámanhã e depois, á porta do quartel, das 21 e 30 ás 23 e 30.

Um convite

Foram convidados os oficiais da armada a assistirem á parada e entrega das condecorações pelo sr. presidente da Republica, tendo os oficiais generais logar na tribuna e os demais num recinto reservado.

Os cumprimentos

Tambem os mesmos oficiais foram convidados a ir cumprimentar o chefe de Estado no dia 5, ás 13 e 30 no palacio de Belem, de grande uniforme.

As salvas e as bandeiras

Hoje e ámanhã os navios de guerra embandeiram nos topes com as nacionais e no dia 5 em arco, salvando ao meio dia com 21 tiros. Os estabelecimentos terão içada a bandeira nacional desde o nascer do sol até terminar as iluminações que serão tambem nas suas fachadas.

O selo da Assistencia

E' obrigatorio o selo da Assistencia, de 1 centavo, nas correspondencias a expedir nos dias 4 e 5 do corrente para o continente da Republica e ilhas adjacentes. Nos mesmos dois dias será colocado em cada telegrama o selo de 2 centavos.

DE LONDRES

A questão da Alta Silesia

LONDRES, 3.

Dizem de Paris que o Conselho da Sociedade das Nações não comunicará ao Supremo Conselho a sua opinião ácerca da questão da Alta Silesia, antes de 11 de Novembro.—(R.)

A Liga das Nações

LONDRES, 3.

O orçamento da Liga das Nações está computado num milhão de libras esterlinas.—(R.)

NEURASTENIA
Hidroterapia—Electroterapia
ESTORIL—TERMAS

Bolsa de Lisboa

Dia 3

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	43.50
» » 500$00	43.50
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	43.50
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	11.80
4 0/0 1888	20.
4 0/0 1890 coup	—
4 1/2 1888/89 ass	55.
4 1/2 1889 coup	—
5 0/0 1909 coup	66.50
4 1/2 1912 ouro	174.
5 0/0 1917	66.
3 0/0 externas 1.ª série	172.
3 0/0 » 2.ª »	—
3 0/0 » 3.ª »	172.
Acções	
Banco Colonial Português port..	140—139
Banco Colonial Português cop...	142.
» Comercial de Lisboa	268.50
» Economia Portuguesa	91.50
» Nacional Ultramarino (ass.)	218.
» » (coup.)	239.
» Lisboa & Açores	310.
Portugal	—
Minho	240.
» Português e Brasileiro	123.
C. G. de Credito P. Português	36.60
Lezirias Tejo e Sado	3.960.
C. N. Navegação	140.
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	259.50
Portugal e Colonial	115.
Cabinda	8.30
Buzi	47.80
Ilha do Principe	215.
Moçambique	—
Zambezia (antiga	—
» (nova	—
Companhia do Boror	80.
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	165.50
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.ª serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 %, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 %, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—
Industrial Aliança	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	38$	43$
s/Londres cheque	6 3/4	6 5/8
» 90 d. v.	6 7/8	—
Rio s/Londres	8 1/4	—
s/ Paris	678	695
s/ Italia	380	390
s/ Belgica	668	680
s/ Suissa	1655	1693
s/ Espanha	1245	1280
s/ Berlim	78	83
s/ Holanda	3045	3130
s/ Nova York	9532	9800
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2	—
» » » Portugal	7 1/2	—
Agio do ouro	700	750

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	55,
» s/Londres	28,57
s/New-York	7,63
» s/Berlim	6,60
Paris s/Londres	—
» s/Madrid	—
» s/Genebra	—
» s/Berlim	—
Londres s/Paris	52,37
» s/Roma	93,875
» s/New-York	3,73
» s/Berlim	457,
» Amsterdam	11,69
» s/Genebra	21,40
» s/Belgica	—
» s/Suecia	—
» s/Austria	—

A GUERRA NO ORIENTE

O rei Constantino vai tentar uma intervenção estrangeira?

LONDRES, 3.—Tendo-se os kemalistas negado a entrar em negociações com os gregos parece que o rei Constantino está disposto a conferenciar com representantes diplomaticos das potencias estrangeiras para conseguir uma intervenção que estabilise a situação na Asia.—(U. P.)

"AU PAIR"
Dão-se lições de francês, português e do curso dos liceus. Propostas a C. Marques. Redacção do "Diario de Lisboa".